

AFRICAN UNION

الاتحاد الأفريقي



UNION AFRICAINE

UNIÃO AFRICANA

P. O. Box 3243, Addis Ababa, ETHIOPIA Tel.: Tel: +251-115- 517 700 Fax: +251-115- 517844 / 5182523
Website: www.au.int

SC24019 - 88/88/34/12

CONFERÊNCIA DA UNIÃO AFRICANA
Trigésima Segunda Sessão Ordinária
10 - 11 de Fevereiro de 2019
Adis Abeba, ETIÓPIA

Assembly/AU/23(XXXII)Rev.1
Original: Inglês

**RELATÓRIO DE S. EX.^a YOWERI KAGUTA MUSEVENI, PRESIDENTE
DA REPÚBLICA DO UGANDA E LÍDER SOBRE A INTEGRAÇÃO
POLÍTICA DO CONTINENTE AFRICANO**

RELATÓRIO DE S.E. YOWERI KAGUTA MUSEVENI, PRESIDENTE DA REPÚBLICA DO UGANDA E LÍDER SOBRE A INTEGRAÇÃO POLÍTICA DO CONTINENTE AFRICANO

DOCUMENTO DE SÍNTESE SOBRE A INTEGRAÇÃO AFRICANA

1. África é o berço da humanidade há quatro milhões e meio de anos. Todos os seres humanos só viveram em África até há cerca de 100.000 anos. A última era glacial terminou há 11.700 anos. Antes disso, as pessoas não podiam viver em muitas partes do Norte do nosso Globo. Portanto, o Remanescente Europeu (europeus, americanos, canadianos, australianos), os asiáticos, os árabes etc. são todos antigos africanos.
2. Perderam a melanina (a pigmentação negra) nas suas peles por viverem em climas frios, com pouco sol, onde a melanina não é necessária.
3. África é pioneira da civilização. A civilização egípcia que teve início em torno de 5200 anos atrás, por volta de 3000 A.C, é uma das primeiras da raça humana.
4. As três grandes religiões do mundo moderno foram sucumbidas por África de uma ou outra forma. Estas são: o Cristianismo, o Judaísmo e o Islamismo. O menino Jesus estava escondido no Egito quando o Rei Herodes começou a matar todas as crianças. Isto é relatado na Bíblia, no Livro de Mateus 2:13-18. Antes disso, em 1567 A.C., os judeus tinham sido salvos da fome quando José, um dos filhos de Jacob que havia sido vendido como escravo pelos seus irmãos, os levou para o Egito, onde havia abundância. Isto é relatado na Bíblia, no Livro de Génesis 42:1-28.
5. No entanto, esta África de muitas estreias na história da raça humana enfrentou várias calamidades nos últimos 500 anos, calamidades essas que incluem: o tráfico de escravos, o colonialismo, o genocídio em alguns casos, o neocolonialismo e a marginalização. Porquê que isto foi assim?
6. África, que tinha alcançado muitas estreias da raça humana, vivenciou algumas fraquezas internas que dificultavam a resposta do seu povo às ameaças que surgiram depois de 1453 AD. Este foi o ano em que os turcos otomanos (pessoas vindas da Ásia Central) capturaram Constantinopla, a capital do Império Romano Oriental. Ao fazê-lo, bloquearam a rota terrestre de comercialização da seda, a qual Marco Polo tinha sido pioneiro entre 1245 e 1324. Desde a era de Marco Polo, a seda e as especiarias vinham por esta rota. Essa rota foi encerrada e a Europa Ocidental foi cortada dos produtos do Oriente que tinham chegado a valorizar.
7. Uma busca frenética por uma rota marítima para o Leste começou a ser liderada por Portugal. Melhores navios foram, eventualmente, construídos e os portugueses chegaram à Sierra Leone em 1460. Por volta de 1498, Vasco da Gama contornava a ponta sul de África e no dia de Natal desembarcava em Natal, daí o nome daquele lugar até hoje, vindo da palavra latina, *natalis*. Alguns anos antes, em 1492, Cristóvão Colombo, a

serviço do novo Reino Unido da Espanha (Castela e Aragão Unidos em 1479), chega a um novo continente, a América, cujas ilhas *off-shore*, as Caraíbas, as confundiu com as ilhas do Oriente, daí o eventual nome das Índias Ocidentais.

8. Portanto, dada a pressão criada pelos turcos, os europeus haviam saído das suas pátrias e começaram a aceder às terras de África, América e Ásia, através dos oceanos Atlântico e Índico.

9. Foi nessa altura que as fraquezas de África e das Américas vieram à tona. As populações indígenas das Américas não resistiram às aflições da invasão europeia e muitas delas pereceram; foram exterminadas e as suas terras foram tomadas pelos imigrantes da Europa. Assim, os europeus tornaram-se os americanos. Os que não pereceram foram marginalizados.

10. Dado que os africanos não morrem facilmente, sobreviveram aos 500 anos de invasões estrangeiras, mas passaram por muitas privações: (tráfico de escravos, colonialismo, genocídio em alguns casos, etc.).

11. Porque é que a África não conseguiu derrotar estas invasões? De facto, em 1900, toda a África havia sido derrotada, exceptuando a Etiópia, que derrotou os invasores italianos na batalha de Adwa em 1896. De acordo com a nossa análise, não foi por falta de coragem ou de vontade de resistir. Foi, principalmente, por causa da balcanização política. A população africana está apenas dividida em quatro grupos linguísticos. Estes são: Níger-Congo (Bantu e Kwa); Nilo-Saara (Hamiático, Nilótico e Nilo-Hamiático); o Afro-Asiático (Árabe, Tigrínia e Amárico); e Khoisan (os chamados boxímanes na África Austral). Logo, a totalidade dos Povos Africanos é similar ou ligada. Posso escolher palavras semelhantes às do meu dialecto *Runyankore* nos dialectos bantus, desde os Camarões à África do Sul. Há 2000 milhas de distância, na África do Sul, por exemplo, os Zulus e os Xhosas cumprimentam-se: *Saubhona*, o que deduzo que signifique: "Já te vi" Isto deve ser do verbo: "*Kubona*" – que significa "ver". No meu dialecto, *Runyankore*, o verbo "*kubona*" significa encontrar algo que foi perdido. Em swahili, porém, o verbo: "*kuwona*" tem exactamente o mesmo significado que os dialectos sul-africanos. Isso enquadra-se no grupo de dialectos Bantus. Mesmo entre grupos - por exemplo, Níger-Congo relativamente ao Nilo-Saariano - encontram-se semelhanças. Os núbios do sul do Egipto e do norte do Sudão, aparentemente, usam a palavra *Nina* que significa "Mãe". Em muitos dos dialectos Bantus dos Grandes Lagos, a palavra para Mãe é: "*nyina*". Incrível. A palavra somali para vaca é *Saa*. Nos dialectos Bantus dos Grandes Lagos, a palavra *Saa* é específica e exclusivamente usada para estrume de vaca (*obusa, amasha, amasa, etc.*). Logo, esses Povos Africanos têm tanto semelhanças como ligações. De facto, se usar-se a palavra "nação" para significar um povo de uma ancestralidade ou herança comuns, pode-se dizer que toda a população africana, actualmente com 1,3 mil milhões de pessoas, é composta por quatro nações: o Níger-Congo; o Nilo-Saariano; o Afro-asiático; e o Khoisan.

12. Qual foi, então, o problema? Porque é que África não pôde se defender dos invasores? Porque é que África continua fraca hoje em dia? Segundo o nosso estudo, a

resposta está na balcanização política. Nos anos 1400, África era governada por pequenos reinos, chefias ou, por vezes, por acordos segmentários (a regra dos grupos etários).

13. Os europeus tentaram engolir a China; mas era muito grande para engolir. Tentaram engolir o Japão; era demasiado grande para engolir. Tentaram engolir a Etiópia; mas era demasiado grande para engolir. Os reinos africanos eram fáceis de engolir quando confrontados por grupos mais organizados do exterior. A derrota gradual de África de 1400-1900 causou graves distorções que são captadas em vários estudos que efectuamos. Além do tráfico de escravos e outras “hemorragias” infligidas às sociedades africanas, houve também a destruição gradual das classes artesanais (ferreiros negros, carpinteiros, caldeireiros de cobre, curandeiros, etc.) e a substituição dos seus produtos pelos importados. Mesmo as sociedades primitivas sempre produziram seu próprio alimento, suas próprias roupas, suas próprias armas (lanças, arcos e flechas, etc.) e meios para seu próprio abrigo (materiais de habitação). A dependência de alimentos, roupas, armas, materiais de construção e de outros meios dos africanos da era colonial e neocolonial poderá ter ocorrido devido às distorções resultantes do colonialismo.

14. No entanto, por uma combinação de factores, os países africanos recuperaram a sua independência, começando pelo Egipto em 1922, o Sudão em 1956 e o Gana em 1957. Quais foram esses factores? O facto de os africanos recusarem de ser exterminados como os índios americanos e os aborígenes australianos; a resistência dos combatentes africanos da liberdade; o apoio dos países socialistas como a URSS e a China; e as guerras entre os imperialistas - as chamadas I e II Guerras Mundiais que os enfraqueceram em nosso benefício. Em 1994, a última parte de África sob controlo estrangeiro, a África do Sul, reconquistou a sua liberdade política.

15. O que, no entanto, surpreende é que muitos da elite política africana, os intelectuais, os outros líderes sociais etc., não se tenham dado ao trabalho de investigar a causa da nossa quase extinção nos últimos 500 anos e de procurar formas de nos imunizarmos contra todas e quaisquer ameaças contra a nossa sobrevivência, a nossa soberania, a nossa segurança e a nossa prosperidade na nossa terra. É assim que chegamos às duas questões que consideramos cruciais para o nosso futuro. São elas: a integração política e económica de África. Na nossa opinião, a integração africana significa três coisas: prosperidade, segurança e fraternidade. Não podemos garantir a nossa prosperidade se não resolvermos a questão do mercado. Quando as empresas ou as famílias produzem produtos (mercadorias) ou serviços, quantos consumidores irão comprar esses produtos? Se um produto não tem compradores suficientes, o negócio falha. No Uganda, tivemos recentemente uma grande colheita de milho. Produzimos 5 milhões de toneladas, mas o Uganda consome apenas 1 milhão de toneladas. Os preços entraram em colapso. Muitos agricultores deixarão de apostar no milho nas próximas estações do ano. Este é apenas um exemplo. Muitos outros podem ser citados em toda África. Precisamos, portanto, de integração económica para proporcionar mercado às nossas famílias produtoras e às nossas empresas, de modo a assegurar um mercado assente em princípios de competitividade. O mercado africano integrado não só estimulará a produção em África, como também nos permitirá negociar de forma credível com outros

grandes mercados como os EUA, a China, a Índia, a Rússia, a União Europeia, etc. É bom que, recentemente, tenhamos chegado a um acordo sobre a Zona de Comércio Livre Continental (ZCLCA). É bom que, recentemente, tenhamos acordado numa Zona de Comércio Livre Continental Africana (ZCLCA). É a via para a prosperidade e faz parte da resposta ao subdesenvolvimento, à pobreza e ao desemprego.

16. Entretanto, a integração económica, mesmo que crie prosperidade para os nossos países de uma forma individual, não irá responder à questão da segurança estratégica contra as ameaças globais. Os americanos estão a ganhar superioridade em quatro dimensões: superioridade na terra, no ar, no mar e no espaço. Recentemente, o presidente Donald Trump falava em criar um exército espacial. Muitos países africanos ainda não têm sequer um exército terrestre potente, quanto mais falar de força aérea, da marinha ou da força espacial. Neste contexto, o que será do nosso futuro? Mesmo quando os nossos países individuais se tornarem do Primeiro Mundo ou de Rendimento Médio, não podem, individualmente, ter a capacidade estratégica de se defender contra as superpotências mundiais. Durante a Segunda Guerra Mundial, as primeiras vítimas da agressão foram os pequenos países desenvolvidos da Europa, excepto a Holanda, Bélgica, Dinamarca, Polónia, etc.

17. Israel, tecnologicamente, é uma superpotência. No entanto, do ponto de vista estratégico, Israel sofreria grande pressão para sobreviver no Oriente Médio sem a parceria dos Estados Unidos. Portanto, no fim de contas, o tamanho também é importante. Assim, é por esse motivo que afirmamos que, além da integração económica, sempre que viável, é muito crucial haver também integração política. Os actuais 54 Estados africanos, mesmo quando se tornarem desenvolvidos, poderão não ser capazes de garantir o nosso futuro de defesa contra poderes mundiais gananciosos. O ataque dos países ocidentais contra a Líbia foi uma vergonha para a África. Portanto, é por essa razão que, durante os 55 anos, segui os passos de Mwalimu Julius Nyerere sobre a questão da Federação da África Oriental (a integração política do Quénia, Tanzânia e Uganda). O Mercado Comum da África Oriental (EAC) expandiu-se desde então passando integrar outros países nomeadamente: Ruanda, Burundi e Sudão do Sul. Estas pessoas são grupos específicos dos Povos Africanos compostos por Bantus Interlacustres (os Bantus dos Lagos) e os Interlacustres Nilóticos, Interlacustres Nilo-Hamíticos e Interlacustres Cushitas. Estes grupos possuem dialectos muito semelhantes bem como laços entre diferentes grupos. Fundamentalmente, eles têm a sorte de ter o dialecto do Swahili sem raízes tribalistas. Neste momento, os seis países estão a trabalhar na questão de criação de um Confederação que, finalmente, irá culminar com Federação. Os estados politicamente unidos da África Oriental, com a população actual de 170 milhões, que se projecta que em 2050 atingirá 878 milhões, possuindo uma superfície territorial de 1 milhão de milhas quadradas, seriam iguais à Índia em termos de superfície terrestre. Tal unidade traria coesão, em torno do Swahili, bem como serviria de centro de gravidade da segurança africana. Seria capaz de levar a cabo qualquer tarefa - para defender África, se necessário, por terra, mar ou e espaço, pois é isso que os outros querem.

18. Por conseguinte, devemos, olhar para toda África. Quais outras áreas têm semelhanças e laços? A nível da África Austral? A nível da África Central? A nível da África

Ocidental com seus povos transfronteiriços do Hausa, Fulani, Yoruba, Akan, Mandigos, etc.? E quanto à África do Norte, com seu povo que fala árabe e, principalmente, muçulmano? E quanto ao Corno de África com a sua confluência dos povos cuchíticos e semíticos desta área? Não morreria de surpresa se os actuais 54 Estados africanos, as antigas colónias, fossem substituídos por 10 ou mais estados, cada um com cerca do tamanho da Índia. Quando os britânicos forçaram as tribos independentes da nossa área a entrarem no Uganda, decerto que fizeram uma coisa boa. Se Uganda é um produto melhor do que a “República” de Ankole, minha zona tribal, por que é que a União da África Oriental não seria melhor?

19. Por fim, o cerne da questão é que os povos que estamos a tentar unir, tal como se fez referência anteriormente, são semelhantes ou ligados entre si. Todos pertencem aos seguintes quatro grupos com base na língua: Níger-Congo; Nilo-saariano; Afro-asiático; e Khoisan. Trata-se de grupos fraternos. Quando Muammar Gaddafi estava vivo, eu não concordava com ele em relação à questão da criação de um governo continental. No que tange ao comércio, é possível realizar trocas comerciais com todo mundo. No entanto, a integração política requer mais aproximação. Os povos devem possuir semelhanças ou ser compatíveis. É por essa razão que prefiro a estratégia das Federações Regionais de Mwalimu Nyerere, onde viável. MzeeKwame Nkrumah preferia um governo continental, à semelhança de Muammar Gaddafi.

20. Por conseguinte, a integração de África significa 3 questões: prosperidade; segurança estratégica; e fraternidade. Existem documentos mais longos e que abordam com exaustão esta questão.

21. Os líderes africanos desde a independência devem ter o cuidado de modo a não partilhar a condenação histórica tal como a que acumulamos dos líderes da época pré-colonial que, por quase 400 anos, certamente no caso dos Grandes Lagos, concentraram-se nas rivalidades entre si, mesmo depois de Vasco Da Gama ter passado pela Costa da África Oriental. Ao invés de unir o nosso povo, embrenhavam-se na luta uns contra os outros enquanto seus sujeitos obsequiosos acumulavam pseudo-elogios a seu favor. Quando os europeus estavam prontos, depois da Conferência de Berlim, penetraram no continente e capturaram muitos líderes como se de gafanhotos se tratasse. A Europa, América e a Ásia estão actualmente a caminhar rumo à 4ª Revolução Industrial - o uso de máquinas inteligentes. Em África, nem sequer passamos pela primeira ou pela segunda revolução industrial. Isto é, o uso de máquinas a vapor e movidas a electricidade eléctrica. No entanto, a integração económica e política constitui estímulos indispensáveis para essas mudanças. Portanto, os líderes africanos devem trabalhar arduamente de modo a não partilhar o destino dos líderes tribais pré-coloniais que desiludiram os seus povos.

22. Muito Obrigado.

PROSPERIDADE, SEGURANÇA E FRATERNIDADE

23. Nós, os Pan-africanistas, apoiamos a unidade africana por três razões: Prosperidade, fraternidade e segurança.

24. Mesmo antes da evolução dos sistemas capitalistas e socialistas modernos, a prosperidade das pessoas era grandemente influenciada pelo comércio. Em África, embora vivêssemos sob o jugo de chefes tirânicos, o comércio, no entanto, era realizado. De facto, as cinco regiões da nossa parte de África estavam ligadas pelo comércio. Estas foram: a Costa e Zanzibar (Pwani); a terra da Savana de Miyombo da Tanzânia Central (Dodoma, Tabora); a região dos Grandes Lagos de Mwanza, Musoma, Uganda, Ruanda, Burundi, etc.; a região florestal do Uganda Ocidental e Congo; e a região a jusante do Nilo no Sudão do Sul. Produtos têxteis, contas de vidro e armas vinham do estrangeiro através da Costa para as regiões do interior; enquanto o marfim, o ouro e, lamentavelmente, os escravos, vinham do interior, através da costa, indo até às terras além dos oceanos (*buseeri - bwa'mayaanja*). Isto foi durante os tempos do feudalismo no Mundo, quando o capital não era tão activo como veio a tornar-se mais tarde. Com a ascensão do capitalismo e do socialismo orientado para o mercado, a relevância da prosperidade através do comércio tornou-se muito clara.

25. Quando compramos o que o país X produz, estamos a apoiar a prosperidade desse país. Este é capaz de criar empregos para o seu povo, gerar dinheiro para as empresas envolvidas e criar receitas fiscais para o Governo desse país. Os produtores do país X, além disso, continuam a avançar a sua tecnologia apoiada, em parte, pelo nosso poder aquisitivo. O caso inverso é quando os estrangeiros compram as nossas mercadorias ou utilizam os nossos serviços (por exemplo, o turismo). Ajudam a criar empregos para os nossos funcionários, fluxos de renda para as nossas empresas; ajudam a expandir a base tributária dos nossos países e ajudam-nos a aprimorar a nossa tecnologia. O Uganda está a recuperar dos vinte anos de turbulência e colapso (1966-1986). Durante esse período, a economia do Uganda diminuiu em 48%. Desde a nossa recuperação, a importância do comércio regional e internacional para a nossa prosperidade tornou-se muito clara. Em 1986, o Uganda produzia apenas 200 milhões de litros de leite por ano. Produzimos actualmente 2,5 mil milhões de litros de leite por ano. No entanto, os ugandeses consomem apenas 800 milhões de litros de leite. Para onde vai o resto do leite? A resposta é: aos mercados regionais e internacionais. Sem os mercados regional e internacional, essa indústria leiteira já teria entrado em colapso e a nossa prosperidade teria sido afectada negativamente. O que é verídico quanto ao leite também é aplicável ao milho. A nossa produção de milho em 1986 foi de apenas 200.000 toneladas métricas.

26. Actualmente produz-se mais de 5 milhões de toneladas de milho por ano. Os ugandeses apenas consomem 1 milhão de toneladas por ano. Por conseguinte, há um excedente anual de 4 milhões de toneladas. Quem compra este excedente? A região. O café, o chá e outros, são comprados pelo mercado internacional. Há alguns anos, o preço do chá baixou de 1,79 US\$ por kg para 1,31 US\$ por kg em 2013. Porquê? Devido às convulsões políticas no mundo árabe, especialmente no Egipto. Ao que parece, o Egipto

era um grande comprador do nosso chá. As suas convulsões políticas afectaram a nossa prosperidade.

27. O poder aquisitivo total de África, conforme representado pelo Produto Interno Bruto, foi de 6,757 triliões de US\$ em 2016. Uma parte desse poder aquisitivo beneficia os estrangeiros. A factura das importações de África é de 524 mil milhões de US\$. Por conseguinte, todos os anos, África utiliza 9% do seu poder aquisitivo para apoiar a prosperidade de outros. As exportações de África para o exterior representam um total de 387 mil milhões de US\$, das quais, 57% compreendem o petróleo e gás e, 29,4% é composto por minerais. O que cria mais empregos — o petróleo e minerais ou fabricação, agricultura e serviços?

28. De qualquer modo, a questão é que muitos dos produtos que África importa e paga podem ser produzidos no continente. Além disso, África pode exportar muito mais do que actualmente exporta se criarmos a base adequada em termos de infra-estruturas e políticas.

29. O ponto principal que estou a enfatizar é que o comércio de bens e serviços tem sido o principal instrumento de criação de prosperidade para as sociedades — tanto no passado como no presente. Portanto, o comércio realizado entre os 54 países africanos é um *sine qua non* para que se comece a construir a prosperidade do nosso povo. Para isso, a integração do mercado em África deve ser encarada como uma questão de vida ou de morte para o nosso povo. Grande parte dessa factura de importações no valor de 524 mil milhões de US\$ deve ser gasta em África. Além disso, as economias africanas estão a crescer, não obstante alguns entraves. À medida que estas economias crescem, o nosso poder aquisitivo também continuará a crescer.

30. Este poder aquisitivo não deve continuar a ser doado incondicionalmente a estranhos. Essa utilização deliberada do nosso poder aquisitivo de forma a aumentar a nossa prosperidade e utilizá-lo como um poder de negociação para aceder ao mercado de outros, não pode acontecer se não consumarmos a nossa própria integração no mercado. Todas as barreiras tarifárias devem ser removidas.

31. Todas as barreiras não tarifárias também devem ser removidas. As infra-estruturas intra-africanas, especialmente as ferroviárias e eléctricas, devem ser rapidamente utilizadas para reduzir os custos da actividade comercial em África, de modo a tornarem-se mais competitivas. A integração económica irá permitir que aumentemos a nossa prosperidade, bem como negociar com outros o acesso aos seus mercados. Há muito tempo que temos vindo a enriquecer os outros incondicionalmente e em nosso detrimento. Isto tem de acabar.

32. Se quisermos conhecer a importância dos mercados como estímulos para o crescimento e a transformação, devemos olhar para a China e a Índia. Tanto a China como a Índia, individualmente, têm uma população de 1,3 mil milhões de habitantes. Cada um deles, mesmo na actualidade, enquanto a população de África cresceu tremendamente do baixo nível de 120 milhões de pessoas em 1900, ainda tem uma população superior à

de África. Cada um deles, portanto, tem um mercado interno enorme e integrado. No entanto, o crescimento fenomenal da China que catapultou o crescimento da sua economia, de décimo (1980) no ranking global para a posição actual de segundo, não ocorreu até a abertura da China à economia global em 1978. O crescimento acelerado da Índia não ocorreu até que o Primeiro-ministro Narismha Rao abrisse a economia em 1991. Por conseguinte, tanto a China como a Índia tiveram dois estímulos: um grande mercado interno e o acesso a mercados externos ainda maiores. É bom que a África, finalmente, tenha acordado em torno da ZCL, mais uma vez, 28 anos após o Tratado de Abuja que deveria ter iniciado a jornada para o Mercado Comum Africano e 38 anos após o Plano de Acção de Lagos.

33. No entanto, mesmo nos casos em que existam acordos para a livre circulação de bens e serviços, há várias Barreiras Não Tarifárias. Isto mostra que muitos actores em África ainda não sabem de onde vem a prosperidade. Uma economia não pode crescer sem um grande mercado para absorver os seus bens e serviços. Além disso, é necessário um grande mercado próprio para negociar com outros tendo em vista o seu acesso a outros mercados. Vimos como os pequenos países da Europa - 27 deles numa área de 4 milhões de quilómetros quadrados - superaram o problema dos pequenos mercados, atraindo-os para um grande mercado de 18,8 triliões de US\$ e uma população de 508 milhões de habitantes.

34. No entanto, a integração económica, mesmo quando muito bem-sucedida, não pode ser suficiente. É assim que chegamos à segunda razão para a integração, ou seja, a segurança estratégica e o seguro para a nossa soberania. Hoje em dia, é comum a elite em África segurar carros, edifícios, empresas, etc. A questão é a seguinte: "Onde está o seguro para a Soberania de África?" África tem estado no marasmo ou em declínio nos últimos 500 anos. Qual foi a causa disso? - A agressão estrangeira. Porquê que a agressão estrangeira teve sucesso? Por causa dos chefes tradicionais míopes e egocêntricos que não conseguiram nos unir apesar dos sinais claros da ameaça de invasão estrangeira. Culpo sempre os chefes tradicionais míopes e egocêntricos de África. Vasco Da Gama deu a volta ao Cabo da Boa Esperança a caminho da Índia em 1498. Portanto, passou pela costa da África Oriental e durante este processo atacou Mombaça. Posteriormente, os europeus foram visitantes frequentes da costa da África Oriental, embora ainda não fossem suficientemente fortes para penetrar o interior africano. Tinham problemas com malária, moscas tsé-tsé, florestas densas, tribos poderosas e a sua tecnologia de armas ainda era incipiente (ainda usando carregadores de focinho - ainda não tinham carregadores de brechas).

35. Foi só em 1862, 364 anos após a explosão de Vasco da Gama no cenário da África Oriental, que o primeiro homem branco, Hannington Speke, chegou ao Uganda, a 1000 milhas do Oceano, do lado da Tanzânia.

36. Por que esses nossos governantes maravilhosos não podiam usar todo esse período para nos organizarem para nos defendermos? Ao invés disso, estavam envolvidos em guerras fratricidas e de auto-glorificação. Infelizmente, para nós, nessa altura, os europeus já tinham avançado tecnologicamente que as únicas defesas de África já não

podiam detê-los. Quais foram essas defesas? Eram as florestas e os desertos; os mosquitos e a mosca tsé-tsé. Os europeus tinham encontrado a resposta para as longas distâncias de África, inventando motores ferroviários por Stevenson no ano de 1829; e tinham encontrado resposta para a malária sob a forma de quinino. As tribos africanas ferozes, mas mal organizadas e mal dirigidas foram manipuladas pelo aperfeiçoamento da tecnologia da arma de carregadores de culatra (em oposição aos carregadores de cano), a arma do tiro mais rápido (metralhadora - automática) e, posteriormente, pelos morteiros que tinham uma trajectória parabólica. No entanto, com a tecnologia melhorada, se os chefes nos tivessem unido, teríamos derrotado os invasores tal como os etíopes, chineses e japoneses o fizeram apesar de serem tecnologicamente inferiores.

37. Como é que recuperamos a nossa independência? Três razões: Resistência por parte dos combatentes mais modernos da liberdade, em oposição aos chefes tradicionais paroquiais que foram universalmente derrotados pelo colonialismo; as guerras autodestrutivas que tiveram lugar no seio dos imperialistas (1ª e 2ª Guerras Mundiais) devido à sua ganância e os combates que visavam uma nova divisão do mundo, dessa forma enfraquecendo-se mutuamente a nosso favor; e com o apoio dos países socialistas (União Soviética e China), bem como outras forças progressistas no Ocidente.

38. O que fizemos desde essa altura para consolidar a nossa força e garantir a nossa soberania? Muito pouco. A prova disso é que ainda estamos a discutir a questão da integração económica, 60 anos após a independência do Gana. As infra-estruturas físicas intra-africanas foram acordadas mas não implementadas. Contudo, conforme foi realçado acima, mesmo se tivéssemos abordado a questão da integração económica da forma mais escrupulosa de modo a garantir a nossa prosperidade, isso não teria garantido a nossa segurança estratégica e não teria assegurado a soberania dos povos africanos e o seu futuro como povo livre.

39. Durante a 2ª Guerra Mundial, as primeiras vítimas de agressão foram os países avançados, nomeadamente a Holanda, Bélgica, França, Dinamarca, Noruega, Polónia, etc.

40. Foi a União Soviética, poderosa e recentemente industrializada que derrotou Hitler com alguma participação tardia e à última hora dos EUA e da Grã-Bretanha. Após a vitória, a União Soviética cometeu os seus próprios erros e tentou impor os Partidos Comunistas minoritários na Europa do Leste (RDA, Checoslováquia, Polónia, Roménia, Bulgária, etc.). A União Soviética estava a cometer o erro de se tornar um opressor e não desempenhar o seu papel antigo e louvável de defensor dos fracos. Não vejo por que tinham que se apegar aos países da Europa do Leste após derrotar Hitler. Desperdiçaram o seu prestígio apegando-se a esses países. O Partido Trabalhista na Grã-Bretanha derrotou o líder do período da guerra, Winston Churchill, nas eleições realizadas a 5 de Julho de 1945. Suspeito que tenha sido logo após a Guerra, devido ao apelo do Socialismo no período pós-guerra por causa do papel heróico da União Soviética na 2ª Guerra Mundial.

41. Quando a União Soviética cometeu o seu próprio erro de se metamorfosear de Libertador para Opressor, mais uma vez, os países pequenos mas avançados da Europa

Ocidental estavam em risco. Quem os defendeu? Os EUA, enormes e emergentes. Através da Doutrina Truman de 1947, os Estados Unidos prometeram “*apoiar os povos livres que estão a resistir às tentativas de subjugação pelas minorias armadas ou por pressões externas*”. Ao invés de ir à guerra aberta, os dois campos (a OTAN e o Pacto de Varsóvia) envolvidos na Guerra Fria (através da confrontação sem combate) ou, ocasionalmente, participando em guerras limitadas (as guerras da Coreia, Vietname, árabe-israelita de 1973, a guerra no Afeganistão, etc., ou as guerras de aproximação, como no Líbano, Angola, Afeganistão, etc.).

42. Entretanto, sendo avançado económica e tecnologicamente, não resulta automaticamente em imunidade de agressão. Israel é hoje um país desenvolvido e tecnologicamente avançado. Qual seria o seu desempenho em relação aos seus adversários se não contasse com o apoio dos EUA? Portanto, em termos de segurança estratégica, ou seja, o seguro contra a agressão e preservando perpetuamente a nossa soberania, a dimensão do território, a população e a economia são muito importantes. As âncoras actuais da segurança mundial têm ou estão prestes a ter todos os três elementos, nomeadamente: EUA, Rússia, China e Índia. O Brasil e a Indonésia irão finalmente participar nesta liga. Onde é que África se encontra nesta questão? Quem é a âncora da segurança estratégica de África? Onde está o centro de gravidade da Segurança Estratégica Africana?

43. Ademais, países como os EUA proclamam que a sua intenção é alcançar uma superioridade de quatro dimensões. Ou seja: a superioridade em terra, superioridade no mar, superioridade no ar e superioridade no espaço. Qual é a posição de África nesta situação? A integração económica por si só não pode resolver a situação. Sim, isso pode nos ajudar a transformar as nossas economias. No entanto, não pode garantir a segurança estratégica. É somente a integração política que pode alcançar isso. Quando, por exemplo, África Oriental tornar-se uma Federação ou uma Confederação, terá o potencial para tornar-se uma potência mundial. Com uma área de 1 milhão de quilómetros quadrados (ou mais incluindo a Somália) e uma população actual de 170 milhões (sem incluir a Somália), com quase todos os recursos naturais necessários na Terra, África Oriental iria facilmente tornar-se uma potência mundial. Com mais avanços na educação, tecnologia e industrialização, África Oriental poderia ser a âncora da segurança estratégica do continente africano e da soberania dos povos africanos. A população da África Oriental será 410.224.228 milhões em 2050 (*Worldometers*). E qual será a compatibilidade desses países da África Oriental?

44. Isso remete-me ao Ponto n.º 3 - a fraternidade dos povos africanos. Em primeiro lugar, a população de todo o continente está dividida em apenas 4 grupos linguísticos: Níger-Congo; Nilo-Saariana; afro-asiática e Khoisan. Quando o irmão Thabo Mbeki sugeriu o termo “Ubuntu” que é exactamente o que isso significa no meu dialecto, Runyankore, há 3.000 milhas de distância. Mesmo entre os quatro grupos linguísticos, nota-se que há semelhanças. O termo Somali para o gado é “Saa”.

45. Nas nossas línguas locais no Uganda, a palavra para designar estrume de vaca é exactamente essa: “Saa” - *obusa, amasha, amasa*, etc. “*Obu*”, “*ama*”, etc., são prefixos

bantu utilizados para formar substantivos. De resto, a palavra nuclear é a mesma: “Saa” ou “Sa”. Foi-me dito que nos dialectos núbios do norte do Sudão e do Egipto, a palavra para mãe é “*Nina*”. Isso é incrível? Em muitos dos dialectos bantu de Uganda, a palavra “mãe” é: “*Nyina*” - mãe de alguém. A palavra que designa água em Acholi é “*pi*”. O equivalente em somali é “*bio*”, aproximadamente o mesmo som.

46. Portanto, todos os povos africanos estão ligados por uma origem comum ou através de relações entre os quatro grupos, uma história partilhada, laços sociais e culturais ou através da sua contínua marginalização económica e política na ordem mundial existente; enfrentam um destino comum.

47. No entanto, à medida que a geografia se estreita, as semelhanças e os laços vão se intensificando. Por exemplo, existe um grande grupo de pessoas conhecido como “Bantus Nilóticos e Interlacustres”. Essas pessoas encontram-se no Sudão do Sul, Quênia, Uganda, Tanzânia, Ruanda, Burundi, Congo e até mesmo na Zâmbia, no Malawi e em Moçambique. Quase todas as línguas bantu de Uganda, Ruanda, Burundi, Quênia ocidental (Luhya), noroeste da Tanzânia (Lunyambo, Ruhaya, Ruzinza, Rukerewe, Kizanaki, Kuria, Kijita) e Congo Oriental (Kihema, Kinande, Kinyambooga, Kinyarwanda de Rutshuru, Kishi, etc.) são, na realidade, uma língua com vários dialectos. Pode-se entender sem tradução quando alguém estiver a pronunciar um discurso na maioria dos dialectos acima mencionados. O mesmo sucede em relação aos dialectos do Luo (Acholi, Alur, Japadhola, Kumam, Labwor e Luo do Quênia e da Tanzânia). A estes pode-se acrescentar os dialectos nilo-camíticos (Ateso, Akarimojong, Turkana, Topotha, Barri do Sudão do Sul, Kalenjin, Masai, etc.) e as línguas dos povos Sudânicos (Lugbara, Madi, Lendu, Kebu, etc.) completando assim o panorama dos Grandes Lagos. Estas línguas são mutuamente inteligíveis ou possuem as mesmas estruturas gramaticais, vocabulário e outras características linguísticas. Isso, no entanto, não é o fim da história dos Grandes Lagos.

48. Os nossos ancestrais, há alguns milénios atrás, desenvolveram um dialecto comum para nós, além dos dialectos tribais. Esse dialecto veio a ser conhecido como suaíli. O suaíli é, essencialmente, um dialecto bantu, mas com consideráveis empréstimos, especialmente do árabe, bem como do português (por exemplo, *meeza-table*) e das línguas persa e indiana. Isto atribui a unidade política da África Oriental (Federação ou Confederação) e toda a área dos Grandes Lagos, uma língua comum.

49. A questão que se coloca, pois, é a seguinte: “Por que as pessoas que devem trabalhar juntas economicamente para sua prosperidade, que enfrentaram e continuam a enfrentar um perigo comum de predadores globais, mas que também partilham laços históricos, culturais e linguísticos e que, além disso, têm uma língua comum, o suaíli, não se unem politicamente para garantir seu futuro? ”

50. O que sucede em relação à África Oriental e aos Grandes Lagos, sucede também em relação às outras regiões de África: a África Austral com os povos falantes de Ngoni-Sutho-Shona, da África do Sul, Suazilândia, Lesoto, Botswana, Zimbabué e Moçambique; a África Ocidental com os falantes do Mandingo, Fulani e Hausa, Yoruba e Ibo; a África

Central com os Fang, Teke e outros povos; o Norte da África com os povos falantes das línguas árabe e berber; e o Corno de África com os seus grupos semitas e cuchíticos. Os grupos semitas e cuchíticos do Corno de África já têm muitos laços históricos e comerciais com a África Oriental. Será que podemos usar essas semelhanças e laços para racionalizar o mapa político de África e otimizar o nosso poder no mundo e construir a Segurança Estratégica? Ou será que os actuais líderes Africanos serão como os líderes tribais do antigamente que, intoxicados pela ganância, ego e miopia, não conseguiram nos unir para lutar contra os invasores? Quais foram as consequências? Quinhentos anos de “hemorragia”: tráfico de escravos, colonialismo, genocídio, estagnação, marginalização, etc. No entanto, os povos africanos têm genes fortes. Ao contrário dos povos indígenas das Américas do Norte e do Sul (Incas, Astecas, Caribes, Índios Vermelhos) ou dos Aborígenes Australianos, nós não perecemos. De acordo com alguns estudos (por exemplo, o estudo do Professor Jared Mason Diamond - em “Armas, Germes e Aço: Os Destinos das sociedades humanas, 1997”), sobrevivemos por causa da nossa agricultura avançada. As vacas, as cabras, as ovelhas, as galinhas que partilhavam connosco as nossas cabanas há muito tempo nos inocularam contra as doenças que exterminaram os povos indígenas das Américas e da Austrália. É a nossa agricultura e os nossos genes que eventualmente derrotaram os invasores, não os líderes tradicionais. Por fim, tal como se fez referência acima, houve outros factores, nomeadamente: a resistência dos combatentes da liberdade, as guerras catastróficas de ganância entre os europeus que os enfraqueceram a nosso favor; e o apoio dos países socialistas (União Soviética, China, Cuba, etc.) que nos permitiram recuperar a nossa liberdade. Essa liberdade deve ser consolidada e assegurada. Os actuais líderes desempenharão um papel semelhante ao que foi desempenhado pelos líderes tradicionais da época pré-colonial se não conseguirmos nos unir. Os factores que nos ajudaram a recuperar a nossa liberdade, por exemplo o apoio dos países socialistas, não estarão sempre presentes. Devemos aproveitar a retirada do imperialismo para nos imunizar contra quaisquer ameaças humanas e não humanas futuras. O facto de ainda não temo-lo feito todo esse tempo significa fracasso na nossa missão histórica.

51. Quanto a integração política, os países na África do Norte, que são compatíveis, podem se unir em torno do uso do árabe (árabe clássico). Na África Oriental e Central, somos felizardos por ter o suaíli como língua comum.

52. Na África Austral, podem recorrer ao inglês, enquanto na África Ocidental, podem considerar o bilinguismo (francês e inglês) como línguas oficiais. Estou hesitante em recomendar o Zulu para África Austral ou Hausa ou Mandingo para África Ocidental, porque não estou seguro quanto às sensibilidades locais em relação a estas línguas entre os grupos que não são Hausa, Ngoni, Mandingo. Ao mesmo tempo, não posso recomendar o Inglês ou Francês por si só nesta zona. À luz do acima exposto, recomendo o bilinguismo. Pode toda a África considerar o Suaíli? Pessoalmente não vejo nenhum prejuízo nisso. No entanto, as pessoas têm pontos de vista diferentes.

Excelências,

53. Lembrem-se que não concordei com o nosso falecido irmão Muammar Gadaffi que queria formar um governo de toda África imediatamente. Não apoiei aquela ideia principalmente por causa da falta de compatibilidade entre alguns grupos devido a questões de língua e culturas. Para avançar ao alto nível da integração política é mais seguro que se tenha um alto grau de semelhanças ou de compatibilidades. Toda África não tem essas potencialidades a menos que todos nós decidamos escolher o suaíli. No entanto, toda África deve ser parte integral do mercado comum. Podemos praticar o comércio com alguém que não seja semelhante ou não esteja ligado historicamente conosco, mas como qual tenhamos ligações geográficas.

54. Muitos africanos insurgiram-se bastante zangados em relação àquilo que se alega que o Presidente Trump teria dito recentemente, que se julgou ser ofensivo à nossa Pátria. Não sei exactamente o que o Presidente Trump disse.

55. No entanto, existe valor em alguns actores dizerem a África que a sua voz não vale muito nas forças políticas actuais do sistema global, em parte devido a factores endógenos da sua fraqueza, pelo que somos responsáveis pela situação. Porque, então, não mobilizarmos o grande potencial que África tem? Seja o que for que o Presidente Trump disse, não seria o primeiro a dizê-lo. No Livro: “Missões Contraditórias: Havana, Washington e África (1959-1976)” escrito pelo autor Piero Gleijeses, cita-se Henry Kissinger, um célebre diplomata norte-americano dos anos 60 e 70, dizendo igualmente algo semelhante.

56. Na guerra árabe-israelita de 1973, Israel sofreu pesadas baixas pela primeira vez nas suas confrontações com os países árabes. Durante os primeiros dias da guerra, o exército egípcio lutou muito bem e infligiu muitas perdas ao exército israelita. Os EUA, aliado leal de Israel, organizaram, ao que parece, um transporte aéreo maciço para reabastecimento a Israel. Para que isso acontecesse, precisavam de uma base para reabastecer algures no Atlântico ou na Europa Ocidental. Ao que parece, nenhum dos países europeus estava disposto a permitir aos EUA tal facilidade, excepto o regime fascista desacreditado de Portugal, chefiado pelo “Professor” Marcelo Caetano, que lhes permitiu usar a sua base dos Açores. Portugal vinha lutando conosco em Moçambique, Angola, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe decorriam 13 anos até aquela altura. Muitos governos ocidentais eram relutantes em relação à imposição de sanções contra Portugal por causa da sua política ridícula na qual reclamava que os países africanos acima mencionados não eram colónias portuguesas mas “províncias ultramarinas de Portugal: onde os antigos africanos daqueles países tinham a oportunidade rara de evoluir da sua “africanidade”, um fenómeno que era tratado como grande desgraça, para uma posição mais digna de “assimilados” portugueses - Pretos apenas quanto à cor, mas portugueses pela cultura. Consequentemente, os chamados países «democráticos» ocidentais foram forçados pela opinião pública nos seus próprios países a simular que estavam a impor sanções contra os fascistas em Portugal. Tais sanções incluíam um embargo ao fornecimento de armas. Agora, o brilhante e o talentoso Dr. Henry Kissinger, numa das suas reuniões, propôs que se recompensasse Portugal pela sua ajuda aos EUA na

questão dos transportes aéreos de emergência para reabastecimento de Israel que se encontrava sitiado. Alguém presente na reunião protestou a afirmação indicando que tal decisão enfureceria africanos. Qual foi a resposta de Kissinger? “Aqueles africanos não importam. Não têm meios para traduzir a sua raiva em acções reais”.

57. A sua raiva é apenas vaidade. “Okugaywa” (ser desprezado) é o problema daquele que despreza o outro; mas também daquele que é desprezado. Por que razão alguém permite que fique numa posição de desprezo perpetuamente? Diz-se no Livro de Gálatas, Capítulo 6, versículo 7: *“Não vos enganeis: Deus não se deixa zombar. Tudo o que o homem semear, isso também colherá”* - “(burimuntuweenaekyabiba, nikyoagyesha)”. Vamos semear a unidade, colheremos a força. Quando semearmos a desunião, colheremos fraqueza e desprezo por partes dos outros.

58. Queremos aprofundar e dar ilustrações para apoiar esta nota conceptual, uma vez que fomos mandatados pelo nosso Presidente, Professor Alpha Konde.

59. Muito obrigado.

2019-02-10

Report of H.E. Yoweri Kaguta Museveni, President of the Republic of Uganda and leader on Political Integration of the African Continent

African Union

African Union

<https://archives.au.int/handle/123456789/8126>

Downloaded from African Union Common Repository